

“DESPERTAR A CURIOSIDADE”: SOBRE A CRÍTICA DE TRADUÇÕES FEITAS POR MULHERES NA FRANÇA (1802-1825)

*“Awakening curiosity”: on the criticism of translations made by women in
France (1802-1825)*

Cristian Cláudio Quinteiro MACEDO
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
cristian.macedo@ufrgs.br
<https://orcid.org/0000-0002-7785-7534>

RESUMO: O presente artigo é o resultado de uma pesquisa de Historiografia da Tradução. Seu objetivo é analisar algumas resenhas de obras traduzidas por mulheres nos primeiros anos da crítica do *Journal des Débats*. Dorimond de Féletz foi o único, entre tantos críticos que formavam a redação do jornal, a publicar críticas do trabalho de tradutoras ao longo dos trinta primeiros anos do século XIX. A questão que norteou nossa análise diante do *corpus* de trabalho foi: *o fato da tradução resenhada ter sido feita por uma mulher é demarcado na crítica como um fator relevante?* Sendo a resposta afirmativa, podemos tomar a noção de “tradução feminina” como uma espécie de conceito metatradutológico, usado como critério nas avaliações de traduções do período. **PALAVRAS-CHAVE:** Crítica de Tradução; Historiografia da Tradução; Tradução feminina.

ABSTRACT: This article is the result of a research on Translation Historiography. Its objective is to analyze some reviews of works translated by women in the early years of the *Journal des Débats* critique. Dorimond de Féletz was the only one, among so many critics who formed the newspaper’s editorial staff, to publish criticisms of the work of translators throughout the first thirty years of the 19th century. The question that guided our analysis in the face of the *corpus* of work was: *is the fact that the reviewed translation was made by a woman marked in the criticism as a relevant factor?* If the answer is affirmative, we can take the notion of “female translation” as a kind of meta-translational concept, used as a criterion in the evaluations of translations of the period. **KEYWORDS:** Translation Criticism; Historiography of Translation; Female Translation.



INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa de Historiografia da Tradução. Seu objetivo é analisar algumas resenhas de obras traduzidas por mulheres nos primeiros anos da crítica do *Journal des Débats*. Dorimond de Féletz foi o único, entre tantos críticos que formavam a redação do jornal, a publicar críticas do trabalho de tradutoras¹ ao longo dos trinta primeiros anos do século XIX. A questão que norteou nossa análise diante do *corpus* de trabalho² foi: *o fato da tradução resenhada ter sido feita por uma mulher é demarcado na crítica como um fator relevante?* Sendo a resposta afirmativa, podemos tomar a noção de “tradução feminina” como uma espécie de conceito metatradutológico, usado nas avaliações de traduções. A despeito da conhecida misoginia da sociedade europeia do século XIX, nossa preocupação é verificar marcas na escrita das resenhas de que o gênero do tradutor é levado em conta na crítica.

O artigo foi organizado da seguinte forma: inicialmente buscaremos esclarecer ao leitor nosso lugar dentro do campo dos Estudos da Tradução, a *Historiografia dos discursos sobre tradução*; depois, traremos notas sobre a crítica oitocentista, sobre o jornal do qual recolhemos nosso *corpus* e sobre Féletz, o crítico estudado; por fim, apresentaremos suas resenhas críticas de obras traduzidas por mulheres.

HISTORIOGRAFIA DOS DISCURSOS SOBRE TRADUÇÃO

Hurtado Albir (1994), tendo por base o modelo de Holmes para os Estudos da Tradução, proposto inicialmente em *The Name and Nature of Translation Studies*, elabora sua perspectiva sobre a disciplina. Para ela, o lugar da Historiografia da Tradução é o de uma dimensão que transpassa seus três ramos: o descritivo, o teórico e o aplicado. A

¹A palavra *traductrice* [tradutora] não era usual no recorte temporal de nossa pesquisa. Independentemente do gênero, quem traduzia uma obra era tratado como *traducteur* [tradutor]. Optamos por traduzir nas citações do corpo do texto, quando tratar-se de uma mulher, *traducteur* por tradutora e *auteur* por autora. Apesar de raras ocorrências anteriores ao nosso recorte temporal, *traductrice* só foi dicionarizada na segunda metade do século XIX. O verbete, em Bescherelle, está assim disposto: “*s. f. Littér. Femme qui fait des traductions. Voltaire a dit à M^{me} Dacier: Vous êtes la seule traductrice et commentatrice*”. Verbetes inseridos logo após o *traductionnette* (vocábulo quase impossível de encontrar em qualquer *corpus* da época), assim escrito: “*s. f. Il s’est dit, par plaisanterie, d’une petite traduction. Une jolie femme, quand elle a appris deux mots d’anglais, fait une traductionnette*” (BESCHERELLE, 1856, p. 1510). No *Journal des débats* aparece pela primeira vez em uma nota, na edição de 24 de março de 1829 e, depois, somente em uma breve notícia de 24 outubro 1837. O dicionário da Academia Francesa inseriu *traductrice* no lema *traducteur* a partir da sua 8ª edição, publicada em fascículos entre 1932 e 1935.

²Resenhas críticas publicadas no *Journal des Débats*, assinadas por Féletz, entre 1802 e 1825 digitalizadas e disponíveis no portal Gallica, da Biblioteca Nacional da França.

historiografia dos discursos acerca da tradução, perspectiva na qual o presente artigo se encaixa, é uma das possibilidades de pesquisa no campo, ajustando-se ao ramo teórico dos Estudos da Tradução.

Já em Woodsworth (1998), obtemos a orientação em relação às possíveis questões quando produzimos uma pesquisa em historiografia dos discursos sobre tradução:

[...] o que disseram os tradutores sobre sua arte/ofício/ciência? Como foram avaliadas as traduções em diferentes épocas? Que tipo de recomendações davam os tradutores? Como foi ensinada a tradução? Como se relacionava esse discurso com outros discursos do mesmo período?³¹ (1998, p. 101, tradução nossa⁴).

Encontramos também uma perspectiva historiográfica para analisar os discursos sobre tradução em Brigitte Lépinette, que organizou sua abordagem em dois grandes modelos: o *sociológico-cultural* e o *histórico-descritivo*. O *sociológico-cultural* toma o fenômeno *tradução* em seu contexto social e cultural de produção e recepção. Visa determinar e avaliar as consequências da tradução na história da cultura nacional a que se destina. As relações causais seriam o eixo desse modelo historiográfico (LÉPINETTE, 2015). Já o modelo *histórico-descritivo* foi dividido pela autora em dois submodelos: O *descritivo-comparativo*, centrado nas teorias da tradução, ou “nos diferentes conceitos aos quais se articulam estas teorias” e sua “evolução no tempo”⁵; e o *descritivo-contrastivo*, que analisa as muitas traduções de um mesmo texto de partida (LÉPINETTE, 2015, p. 143). O modelo descritivo-comparativo lida com os metatextos, isto é, “o conjunto das reflexões sobre a tradução, os escritos teóricos do passado que permitem a análise dos conceitos metatradutológicos”⁶. Em termos de técnicas de análise desse modelo, Lépinette propõe: buscar nas fontes o percurso de um conceito metatradutológico ao longo do tempo; mapear o conjunto de conceitos metatradutológicos em um mesmo texto; comparar o percurso de um ou vários conceitos metatradutológicos com conceitos de outras disciplinas, como a linguística, por exemplo (LÉPINETTE, 2015, p. 146-147).

Lieven D’hulst (1995), entre seus pontos de reflexão, aponta as fontes documentais de pesquisa, o contexto dos discursos tradutórios e a transformação das ideias neles

³[...] what translators have had to say about their art/craft/science; how translations have been evaluated at different periods; what kinds of recommendations translators have made or how translation has been taught; and how this discourse is related to other discourses of the same period.

⁴Todas as traduções nossas terão o original inserido em nota de rodapé.

⁵[...] en los diferentes conceptos a los cuales se articulan estas teorías [...] evolución en el tiempo [...].

⁶[...] el conjunto de las reflexiones sobre la traducción, los escritos teóricos del pasado que permiten el análisis de los conceptos metatraductológicos.

presentes ao longo do tempo como fundamentais em uma investigação. Para D’hulst, o objetivo primeiro do historiador que pesquisa os discursos tradutórios deve ser a sua “reconstrução ideal, segundo o ponto de vista daqueles que os conceberam e de seus usuários” (p. 19). Apesar de difícil, aquilo que ele considera uma “reconstrução ideal” é possível na medida em que o historiador das teorias da tradução eleja uma abordagem tomando como base seu projeto de pesquisa e defina claramente seu objeto (p. 22). D’hulst (2014), mesmo quando trata da Historiografia de Tradução de forma mais ampla, apresenta o discurso tradutório como importante em todas as possíveis frentes de pesquisa. Ao se ocupar da história dos sujeitos da tradução, do que foi e do que não foi traduzido, dos locais de sua produção, impressão e distribuição, ele inclui em sua análise a historicidade das teorias e reflexões sobre a tradução.

A pesquisa cujos resultados apresentamos tem como base o entendimento de que a historiografia tem seu lugar estabelecido nos Estudos da Tradução (HURTADO ALBIR, 1994), que existem questões a serem lançadas ao objeto (WOODSWORTH, 1998), que no campo já se consolidaram modelos de abordagem que incluem fontes documentais e delimitações temporais (LÉPINETTE, 2015), e de que cabe ao historiador da tradução a constituição do *corpus* de análise, a escolha espacial e cronológica e o estudo do contexto e da epistemologia dos quais emergiram a teoria ou as teorias estudadas (D’HULST, 1994 e 2014).

BREVES ANOTAÇÕES SOBRE A CRÍTICA OITOCENTISTA, O *JOURNAL DES DÉBATS* E FÉLETZ

O século XIX foi considerado o “século da imprensa” (CHARLE, 2004). Após a Revolução Francesa, os periódicos diários ganham espaço no cotidiano francês. Em termos de formato, os jornais vão se distanciando do livro, ao mesmo tempo em que, em termos de conteúdo, vão se aproximando da literatura. Em 1800, os jornais são impressos em grandes formatos, exigindo um aparato tipográfico autônomo em relação ao livro. Neles eram veiculados, além das notícias cotidianas, críticas literárias e romances-folhetim. Isso faz com que a história da imprensa também faça parte da história da literatura (JURT, 2013, p. 274-276) e, em nosso caso, da história da tradução.

A crítica literária moderna também teria sido elaborada no século XIX:

A crítica tal como a conhecemos e a praticamos é um produto do século XIX. Antes disso, existiram críticos. Bayle, Fréron, Voltaire, Chapelain, d’Aubignac, Denys d’Halicarnasse, Quintilien foram críticos. Mas não existia crítica. Eu tomo a palavra em seu sentido bem material: um

corpo de escritores mais ou menos especializados que têm por profissão falar de livros [...]” (THIBAUDET, 1930, p. 7).

A “corporação de críticos” teria surgido a partir de membros de duas profissões que acabaram por se debruçar sobre questões de literatura: o magistério superior e o jornalismo. Professores universitários passam a se dedicar à crítica literária na primeira metade do século e, sob o Império Napoleônico e a Restauração, os jornalistas abraçaram a crítica literária em detrimento do jornalismo político (então sob forte censura). O jornalismo literário era a “linguagem natural da crítica literária” (THIBAUDET, 1930, p. 8).

Em 1818, Eckard escreveu sobre a importância da crítica literária nos primeiros anos do século XIX. Ele afirma que, após uma longa interrupção, devido a todo o processo da Revolução Francesa, e a oscilação entre períodos com e sem censura, no começo do século “viu-se um grande número de distintos homens de letras trabalhar em conjunto para trazer de volta o reino do bom gosto”. Teriam, esses letrados, muito a fazer, pois, segundo Eckard, “todas as noções do verdadeiro e do bom, em literatura, estavam corrompidas”, naquele período “a república das letras oferecia um espetáculo deplorável da mais completa anarquia”. O público “imparcial” apoiou esse grupo e, “graças às felizes mudanças que eles realizaram, o começo do século XIX tornou-se uma época notável da nossa litteratura” podendo ser considerada “como uma era absolutamente nova”. Apesar de, na opinião de Eckard, poucas novas obras de relevância terem sido publicadas, ele considera os primeiros 18 anos do século XIX como o período de “renascimento da crítica”⁸ (1818, p. i).

O *Débats*⁹ foi fundado em 1789 durante a Revolução Francesa. Seu objetivo servir de veículo das decisões da Assembleia Nacional, levando-as, da forma mais rápida possível, a toda a população francesa. O jornal foi adquirido pelos irmãos Bertin em 1799. Louis-François Bertin, conhecido como Bertin l’Aîné, iniciou sua carreira jornalística redigindo

⁷ La critique telle que nous la connaissons et la pratiquons est un produit du XIX^e siècle. Avant le xix^e siècle, il y a des critiques. Bayle, Fréron et Voltaire, Chapelain et d’Aubignac, Denys d’Halicarnasse et Quintilien sont des critiques. Mais il n’y a pas la critique. Je prends le mot dans son sens très matériel : un corps d’écrivains plus ou moins spécialisés, qui ont pour profession de parler des livres [...].

⁸ [...] dans les premiers jours de ce siècle, on vit un grand nombre de gens de lettres distingués travailler de concert à ramener le règne du bon goût.[...] toutes les notions du vrai et du bon, en littérature, étaient corrompues [...] la république des lettres offrait le spectacle déplorable de la plus complète anarchie. [...] impartial [...] grâce aux heureux changements qu’ils opéraient, le commencement du dix-neuvième siècle devint une époque remarquable de notre littérature [...] comme une Ère absolument nouvelle [...] renaissance de la critique.

⁹Então *Journal des débats et décrets*.

artigos contrários aos jacobinos. No entanto, a profissão pela qual foi reconhecido pela Convenção era a de tradutor, ocupando-se principalmente de romances ingleses. Seu irmão mais novo, Louis François Bertin, ou Bertin de Veaux, também era jornalista e escrevia em pequenas folhas diárias durante a Revolução. O primeiro empreendimento comum dos irmãos foi o jornal *l'Éclair*, no qual defendiam ideias políticas moderadas e um governo constitucional marcado pela manutenção dos três poderes. Com o golpe de estado de 18 Frutidor¹⁰, o *Éclair* passa a se chamar *Annales politiques et littéraires*, para driblar a censura, tendo como sede de sua redação a *imprimerie* Lenormant, no número 42 da rua *des Prêtres-Saint-Germain l'Auxerrois*, em Paris. Todavia, com o golpe de estado de Napoleão, a maioria dos jornais é extinta, restando apenas 23 registrados. Entre estes, estava o *Journal des Débats*, que acaba sendo comprado pelos irmãos Bertin, desejosos de continuar seus projetos jornalísticos (WEIS, 1889).

Em 1800, o jornal circulou sob nova proposta. Às notícias oficiais somaram-se informações do cotidiano e culturais, incluindo peças teatrais e novidades literárias. Os Bertin tiveram a ideia de publicar duas tiragens do mesmo número, uma delas contendo uma novidade: um espaço no rodapé chamado *feuilleton*, dedicado às questões de cultura. O projeto dos Bertin para o novo *Débats* não prescindia da crítica. Para “formar um espírito público”, seus redatores:

não somente tentaram esta reforma pela política, mas tentaram realizá-la nos costumes, transformando a literatura. Transformar os costumes! Transformar a literatura [...]. Trabalhou nisso como um jornal pode fazer: através da transformação da crítica¹¹ (WEISS, 1889, p. 116).

Em 20 de fevereiro, Julien Louis Geoffroy, amigo dos Bertin, começou suas atividades como administrador do Folhetim, redigindo notícias culturais, recebendo e publicando cartas e anúncios. Aquela que é considerada a primeira crítica de Geoffroy foi publicada em 2 de março de 1800. Exigente, o crítico vaticina o “naufrágio” da peça, inaugurando, conforme a tradição, a crítica literária do *Débats*.

Todavia, o que não é lembrado nos anais históricos é que no dia 12 de fevereiro daquele mesmo ano, uma resenha já havia sido publicada no jornal, discorrendo sobre a nova tradução da obra *Les Idylles de Théocrite*. Não no rodapé do jornal, mas em seu

¹⁰No golpe de 18 Frutidor do Ano V (04 de setembro de 1797), os republicanos buscaram conter os contrarrevolucionários (em especial os monarquistas) realizando prisões e deportações, anulando eleições legislativas e cerceando a liberdade de imprensa.

¹¹[...] non seulement ils tentèrent cette réforme pour la politique, mais ils voulurent l'opérer dans les mœurs en transformant la littérature. Transformer les mœurs! Transformer la littérature ! [...] Il y travailla, comme un journal peut le faire, par la transformation de la critique.

corpo, a resenha estava inserida na seção *Variétés*, que até então trazia notícias políticas e correspondências e que, aos poucos, foi se tornando eminentemente literária. O autor da resenha, com polidez, traçou as qualidades da obra, bem como apontou onde o tradutor teria “pecado” contra o texto. O autor da tradução criticada era Geoffroy, que depois tornou-se o renomado e polêmico crítico da primeira metade do século XIX. Os jornais da época, hoje documentos históricos, comprovam que a crítica literária do *Débats* não nasceu com Geoffroy criticando, mas tendo seu trabalho de tradução criticado. Em torno dele surge uma nova escola crítica: “a escola do *Débats*” (JURT, 2013, p. 281).

Em 1805, Napoleão I, que dois anos antes havia ordenado o exílio de Bertin l’Aîné por suas posições políticas, resolveu “propor” uma mudança de nome para o periódico, que passou a se chamar *Journal de l’Empire*. O governo se apropriou de mais de 30% das ações do jornal, forçando a presença de um censor que cuidava de perto a sua redação (WEISS, 1889). Bertin retorna do exílio apenas com a queda de Napoleão e com a Restauração Monárquica, período em que o periódico volta a se chamar *Débats*¹².

Um dos primeiros críticos do *Débats*, Charles Marie Dorimond de Féletz (1767-1850) assinava suas resenhas apenas com a letra A. Ele foi um clérigo que, na Revolução Francesa foi deportado sob a acusação de negar-se a jurar à *Constitution Civile du Clergé*. Ao receber o perdão, no golpe de estado de 18 Brumário, retornou à Paris e começou a trabalhar no *Journal des Débats*. Era conhecido por se mostrar “constantemente antipático a toda inovação literária”. Membro da Academia Francesa, era apontado como um dos “homens distintos que trabalharam na restauração do sentido moral, do gosto, da língua”¹³ (LAROUSSE, 1872, p. 193).

Féletz foi apontado como o “abade dos salões e das mulheres” e que apreciava as “mulheres da nobreza”¹⁴ (MUSSET, 1829, p. 383-384). Mas essa fama não o impediu, por exemplo de entrar em uma polêmica com Marie Armande Jeann Gacon-Dufour. Em 1807, o abade publica uma resenha no *Journal de Débats* sobre a sua obra *Mémoires, anecdotes secrètes, historiques et inédites*. A primeira frase da crítica dá o tom de seu posicionamento: “Madame Gacon-Dufour tem segredos admiráveis; ela faz vinhos sem uvas, geleias sem açúcar e livros sem julgamento, sem espírito e sem razão”. Ele justifica esse começo que “não é polido”, ao seu ver, por tratar-se de uma “mulher autora” o

¹²Durante os Cem dias de Napoleão, o jornal mais uma vez é publicado como *Journal de l’Empire*.

¹³[...] hommes distingués qui travaillèrent à la restauration du sens moral, du goût, de la langue [...].

¹⁴[...] l’abbé des salons et des femmes. [...] il aime les femmes titrées [...].

que diminuiria “o respeito que se deve a uma mulher”¹⁵ (FÉLETZ, 1807a, p.3). Gacon-Dufour publica no mesmo ano uma resposta ao abade:

Minha qualidade de autora a dispensa, o senhor diz, da consideração que concorda me dever pela minha qualidade de mulher! [...]. Qualquer mulher ousada o suficiente para amar a ciência e parecer educada merece ser tratada como a famosa Hypátia. [...] Sua beleza, sua virtude, sua decência, a pureza de sua moral e sua modesta segurança [...] seus talentos suscitaram o ódio dos ministros de um Deus de paz. Fanáticos [...] a despojaram de todas as suas roupas, massacraram-na com cacos de potes, rasgaram seu corpo em pedaços e o queimaram em praça pública. Meus olhos estão inchados de lágrimas, meu coração palpita de indignação, mas continuarei amando a ciência, odiando a perseguição e pregando a tolerância¹⁶ (GACON-DUFOUR, 1807, p.4-5).

A dura resposta de Gacon-Dufour ao abade, evocando um dos mais emblemáticos atos do obscurantismo cristão na Antiguidade Tardia, o martírio de Hypátia, parece não ter causado impacto significativo no abade Féletz a ponto de influenciar suas críticas futuras a obras de autoria feminina. O crítico até se sente a vontade de escrever sua *Réponse à la réponse de Mme Gacon Dufour à M. A*, afirmando que “ela é uma mulher, e não se dirá que uma mulher me deu a honra de me enviar uma carta de dezessete páginas de impressão in 8º sem receber de mim alguns parágrafos de resposta”¹⁷ (FÉLETZ, 1807b, p. 1). Como veremos na seção seguinte, quando entraremos de fato no objeto desse artigo, o abade acabou abrindo mão, mais de uma vez, da polidez.

RESENHAS CRÍTICAS DE OBRAS TRADUZIDAS POR MULHERES

¹⁵Madame Gacon-Dufour a des secrets admirables ; elle fait du vins sans raisins, des confitures sans sucre, et des livres sans jugement, sans esprit, sans style et sans raison. [...] femme auteur [...] le respect que l’on doit à une femme.

¹⁶Ma qualité d’auteur vous dispense, dites-vous, des égards que vous convenez me devoir en ma qualité de femme ! [...]. Toute femme assez hardie pour aimer la science et paraître instruite, mérite d’être traitée comme le fut la célèbre Hypacie. [...] Sa beauté, sa vertu, sa décence, la pureté de ses mœurs et sa modeste assurance [...] ses talents lui suscitèrent la haine des ministres d’un Dieu de paix. Des fanatiques [...] la dépouillèrent de tous ses vêtements, la massacrèrent à coups de pots cassés, déchirèrent son corps en lambeaux et le brûlèrent sur une place publique. Mes yeux sont gonflés de larmes, mon cœur se soulève d’indignation, mais je n’en continuerai pas moins d’aimer la science, de détester la persécution et de prêcher la tolérance.

¹⁷[...] c’est une Femme, et il ne sera pas dit qu’une femme m’aura fait l’honneur de m’adresser une lettre de dix-sept pages in 8º d’impression sans recevoir de moi quelques paragraphes de réponse.

A primeira resenha crítica sobre tradução de Féletz publicada nas páginas do *Débats* foi sobre um trabalho feminino. A obra *Les Nouveaux Tableaux de famille*, de August Lafontaine, foi traduzida pela suíça Isabelle de Montolieu. Sobre ela, o crítico escreve que “não se pode senão lamentar que a interessante autora de *Caroline de Lichtfield* tenha rebaixado seu talento em uma tradução de uma obra na qual não é possível dissimular a mediocridade”. Parece, continua o crítico, “que seu estilo se ressentiu do desgosto inseparável de uma tarefa servil e indigna de seus talentos”. Seguindo Lafontaine, teria introduzido “muitas expressões que o uso de nenhuma forma admite e que o bom gosto reprova”. Aos alemães, se permitem arbitrariedades na língua, pois “não reconhecem nenhum tribunal”, já os franceses, aponta o crítico, sempre foram “submetidos a uma autoridade e nunca devem nem a excluir, nem a desprezar”¹⁸ (FÉLETZ, 1802, p. 4). Estaria, o crítico, apontando uma possível “rebeldia” da tradutora frente às autoridades da língua francesa?

Em 1804, uma resenha de Féletz nos dá algumas informações sobre sua visão acerca das mulheres e seu papel na sociedade, na qual qualquer noção de rebeldia é rechaçada. Ao criticar um ensaio que tratava do caráter das mulheres ao longo do tempo, Féletz afirma que não se deve louvá-las “por qualidades que elas não têm”¹⁹. Thomas, o autor da obra, teria dado “uma prova de mau gosto e de falso julgamento” ao fazer “elogios mentirosos”, dando:

às mulheres todas as virtudes masculinas e enérgicas, toda a força do caráter, todos os dons do gênio que distinguem os homens, não percebendo que torna as mulheres muito menos amáveis ao querer torná-las mais admiráveis, o que é bem menos importante para elas. Isso, com efeito, é as privar de seu encanto mais sedutor [...] essa mistura de força e de fraqueza, de qualidades e de defeitos [...]. É a essa organização que elas devem seus mais tocantes atrativos, [...] que elas são esposas sensíveis, mães ternas, laços amáveis da sociedade, amigas da ordem e da moderação, da moral e da religião. Eis tudo o que elas

¹⁸On ne peut que regretter que l'intéressant auteur de *Caroline de Lichtfield* ait rabaissé son talent jusqu'à la traduction d'un ouvrage dont il n'est pas possible de se dissimuler la médiocrité. [...] que son style se soit senti du dégoût inséparable d'une tâche servile et indigne de ses talents [...] plusieurs expressions que l'usage n'a point admises, que le bon goût réprouve. [...] soumis à une autorité, ne doivent jamais ni s'y soustraire ni la braver.

¹⁹[...] qualités qu'elles n'ont pas [...].

devem ser, eis o papel que a natureza destinou a elas²⁰ (FÉLETZ, 1804, p. 2-3).

Segundo Féletz, Thomas estava desenhando uma doutrina que contrariava a natureza. Ele imaginava “Fúrias e não mulheres”. O crítico completou sua resenha afirmando que as mulheres “não são destinadas nem a defender os Estados, nem a governá-los, nem a esclarecer os homens com sábias meditações, nem a cultivar as ciências, nem a aprofundar nada”. Elas apenas poderiam “tocar de leve” a “superfície de determinados temas” e propiciar um “relaxamento útil” no “leve cultivo das belas artes e das belas letras”²¹ (FÉLETZ, 1804, p. 3).

Em uma resenha de 1811, Féletz deixou claro que conhecia o estilo de Montolieu ao afirmar não ter sido ela a única responsável pelo trabalho na obra *Le Nécromancien* de Schiller: “o estilo do tradutor não me parece ser do de Madame de Montolieu, ao menos o estilo que eu conheço até agora”. O crítico diz ter reconhecido a tradutora apenas no segundo volume da obra, o que o levou à conclusão de que “a honra da tradução foi compartilhada igualmente entre duas pessoas, Madame de Montolieu e um anônimo”. Este tinha um estilo “puro, correto, firme e fácil”²², enquanto aquela misturava a forma suíça com a francesa de escrever (FÉLETZ, 08 dez. 1811, p. 4). O crítico, além de acusar a tradutora de omitir a existência de um colaborador anônimo reforça que sua tradução é inferior a dele.

Em resenha de maio de 1813, Féletz escreve que, entre as centenas de romances que inundam as livrarias durante a primavera, aquele que lhe caíra nas mãos, *La Dame du Lac*, merecia ser lido. Um dos “atrativos” seria “a amável e modesta autora da tradução”, que assinava apenas Madame Elisabeth de ***. Além da modéstia (distante da “rebeldia” que não convém a uma mulher), entre suas qualidades, o crítico enaltece “a facilidade e a naturalidade nos seus dísticos e nos seus versos”, e também a “correção e da elegância na

²⁰[...] aux femmes toutes les vertus mâles et énergiques, toute la force du caractère, tous les dons du génie qui distinguent les hommes, et il ne s’aperçoit pas qu’il rend les femmes beaucoup moins aimables, en voulant les rendre plus admirables, ce qui est bien moins important pour elles. C’est, en effet, les priver de leur charme plus séduisant [...] ce mélange de force et de faiblesse, de qualités et de défauts [...]. C’est à cette organisation qu’elles doivent leurs plus touchants attrait [...] qu’elles sont épouses sensibles, mères tendres, liens aimables de la société, amies de l’ordre de la modération, de la morale de la religion ; et voilà toute qu’elles doivent être, voilà le rôle de la nature leur a destiné.

²¹[...] Furies et n’ont pas des femmes. [...] ne sont destinées ni à défendre les États, ni à les gouverner, ni à éclairer les hommes par des savantes méditations, ni à cultiver les sciences, ni à rien approfondir [...] effleurer [...] surface de quelques objets [...] délassément utile [...] culture légère des beaux-arts et des belles-lettres.

²²[...] le style du traducteur ne me paroît pas être celui de Madame de Montolieu, du moins celui que je lui connoissois jusqu’ici. [...] l’honneur de la traduction se partageroit pareillement entre deux personnes, Mad. de Montolieu et un anonyme. [...] pur, correct, ferme et facile.

sua prosa”²³. O crítico ficou “tentado” a escrever o nome real da tradutora, o que, segundo ele, seria melhor propaganda do que seus elogios (FÉLETZ, 1813a, p. 2-4).

Ao analisar mais um trabalho de Isabelle de Montolieu, Féletz parece ter um pouco mais de boa vontade. Ele afirma ao seu leitor que Montolieu há muito tempo era “devotada ao papel modesto de tradutora”. Todavia, percebe-se uma leve ironia do crítico quando afirma que ela sabia “suprimir com discernimento”, “adicionar”, “aperfeiçoar, assim, a obra que ela parecia ter sido apenas encarregada de traduzir”²⁴ (FÉLETZ, 1813b, p. 1).

Em 1816, a “a amável e modesta” Madame Elisabeth de *** traduz mais um título: *Le Reclus de Norwège*, de miss Anna-Maria Porter. Féletz considera o romance uma das “mais agradáveis produções” entre as tantas enviadas à França pelas “damas inglesas” escritoras de romances. Quanto à tradutora, ele afirma “é a melhor e mais amável intérprete que essas damas possam desejar, se elas são zelosas que sua glória e seus romances se propaguem na França”²⁵ (FÉLETZ, 1816, p. 4).

O romance *La Novice de Saint-Dominique*, de miss Owenson, teve sua resenha publicada em 1 de abril de 1817. A tradutora assinava Madame de R***. A resenha de Féletz é aberta com uma informação interessante: a tradutora faz um adendo ao nome da autora. Abaixo da assinatura que consta no original, miss Owenson, Madame de R*** insere Lady Morgan. O crítico explica o porquê, não sem antes discorrer sobre a questão do nome das mulheres. As mulheres, escreve Féletz, “que mudam de nome ao menos uma vez na sua vida, e algumas vezes mais seguidamente, gostam de conservar, na república das letras, aqueles que inicialmente a ilustraram”. Como exemplo na França, ele cita Madame de Villedieu que, mesmo depois da morte de seu marido “casou-se pelo menos com mais outros dois”, manteve seu nome em todos os romances que escreveu. Por outro lado, continua Féletz, as jovens que escreveram romances antes de casarem-se deixam de lado “de bom grado” seus nomes de solteiras, assinando “com muito prazer e um tipo de orgulho” o sobrenome do marido a quem “elas devem um novo estado e uma nova existência no mundo”. A tradutora, que conhecia “todos os segredos, todos

²³[...] l’aimable et modeste auteur de la traduction. [...] de la facilité et du naturel dans ses couplets et dans ses vers [...] correction et de l’élégance dans sa prose.

²⁴[...] vouée au rôle modeste de traducteur. [...] supprimer avec discernement [...], ajouter, [...] perfectionner ainsi l’ouvrage qu’elle sembloit ne s’être chargée que de traduire.

²⁵[...] plus agréables productions [...] dames anglaises. [...] est le meilleur et le plus aimable interprète que puissent désirer ces dames, si elles sont jalouses que leur gloire et leurs romans se répandent en France.

esses interesses de mulher”²⁶, ao apresentar sua versão em francês da obra da romancista inglesa que a escrevera antes de casar-se, mas que quando da tradução já estava casada, resolve colocar o nome atual da autora (FÉLETZ, 1817, p. 1).

O livro não agrada o crítico. Féletz considera que talvez a juventude da autora tenha sido responsável por “numerosos defeitos da obra”, pela “irregularidade da composição”, pela “singularidade, a bizarrice mesmo de algumas concepções”. Após, segundo ele, “ter sido tão severo com uma amável inglesa”, o crítico deveria “continuar a lê-lo com a simpática francesa que a traduziu”. Para Féletz, em muitas páginas era notável “a limitação, a negligência, a repetição de palavras, as expressões impróprias”. Por fim, Féletz escreve: “Eu mesmo não posso acreditar na audácia de minhas críticas. e peço perdão a essas damas”²⁷ (1817, p. 3-4).

Em outra oportunidade, mas sem pedir perdão, resenhando a nova tradução da *Histoire d’Angleterre*, de Hume, Féletz faz menção a uma tradução iniciada pelo abade Prévôt e concluída, após a morte deste, por “uma mulher, Madame Belot”. O crítico afirma que Hume, “que entendia muito bem o francês” leu a tradução e a aprovou. No entanto, “malgrado esta aprovação, é necessário admitir que uma multidão de erros que escaparam à Madame Belot desnaturou totalmente o sentido do original”²⁸ (FÉLETZ, 1819, p. 4). A aprovação de Hume, o autor da obra, não foi suficiente para que a tradução de “uma mulher” fosse tida como satisfatória.

Ao apresentar sua crítica sobre *Caton l’Ancien, ou Dialogue sur la Vieillesse*, traduzido por Madame de M...n, Féletz apresenta um pouco mais suas ideias sobre a tradução, sobre a mulher e sobre a mulher tradutora.

Diante dos dois famosos diálogos de Cícero (o que trata da velhice e o que trata da amizade), Féletz acredita que as mulheres seriam pouco tocadas pelas propostas do pensador romano. Mas o diálogo que ele entendia como o de menor aceitação por uma mulher, o sobre a velhice, foi lido “com tanto prazer” pela Madame de M...n, que ela resolveu traduzi-lo. Sua ideia, escreve Féletz, foi “oferecer às pessoas de seu sexo, que não têm como ela a vantagem de ler o original, os [...] motivos de resignação” frente à

²⁶[...] qui changent de nom au moins une fois dans leur vie, et quelquefois plus souvent, aiment à conserver, dans la république des lettres, celui qu’elles y ont d’abord illustré. [...] ait épousé au moins deux autres. [...] assez volontiers [...] avec beaucoup de plaisir, et une sorte d’orgueil [...] elles doivent un nouvel état et une nouvelle existence dans le monde. [...] tous ses secrets, tous ces intérêts de femme.

²⁷[...] les nombreux défauts de l’ouvrage [...] les nombreux défauts de l’ouvrage. [...] avoir été si sévère envers une aimable Anglaise [...] avoir été si sévère envers une aimable Anglaise. [...] de la contrainte, de la négligence, des répétitions de mots, des expressions impropres. [...] Je ne reviens pas moi-même de l’audace de mes critiques ; et j’en demande pardon à ces dames.

²⁸[...] une femme, M^{me} Belot qui entendoit très bien le français. [...] malgré cette approbation, il faut avouer qu’une foule de fautes échappées à M^{me} Belot dénaturent totalement le sens de l’original.

velhice, presentes no texto ciceroniano. Mas ela fez mais, destaca o crítico. Visto que Cícero não se ocupou em “consolar as mulheres”, a tradutora inseriu em sua obra quatro cartas voltadas às leitoras. Suas cartas não só apresentam “consolações às mulheres idosas”, mas também mostram, da velhice, “tudo o que nela há de bom, de cômodo, e mesmo de agradável”. Ao tratar especificamente da tradução, o crítico afirma:

A primeira nota que [se faz] sobre essa tradução, é que ela é a obra de uma mulher; isso é de uma singularidade suficientemente digna de atenção, e que somente isso talvez tenha me convencido a resenhá-la²⁹ (FÉLETZ, 1822, p. 3).

Se o fato de ser uma mulher a traduzir foi seu primeiro destaque, o segundo foi a constatação de que “poucos homens o fariam tão bem”. Além disso, Féletz crê na tradutora quando esta afirma que não recorreu a nenhuma outra tradução para realizar a sua, pois, para o crítico, nenhuma outra teve “essa naturalidade no movimento e as expressões que dão a uma obra traduzida a fisionomia de uma obra original”. A tradutora conseguiu, segundo Féletz, produzir uma obra que parecia exprimir suas próprias ideias “e não que ela submeteu sua linguagem a traduzir ideias expressas por um outro em uma língua morta”³⁰ (1822, p. 3).

Ao ser comparada com outras versões, a tradução de Madame de M...n também se destacava. escreve Féletz:

Todas as vezes que eu comparei essa tradução com o texto, eu a achei cada vez mais fiel e elegante. Todas as vezes que eu a comparei com uma antiga tradução estimada e muito difundida nas escolas, eu a achei superior. Foi principalmente nos trechos mais difíceis de traduzir que fiz essas comparações³¹ (1822, p. 3).

²⁹[...] avec tant de plaisir [...] offrir aux personnes de son sexe, qui n’ont pas comme elle l’avantage de lire l’original, les [...] motifs de résignation. [...] consoler les femmes. [...] consolations aux vieilles femmes [...] tout ce qu’il y a de bon, de commode, et même d’agréable. [...] La première remarque [...] sur cette traduction, c’est qu’elle est l’ouvrage d’une femme; c’est une singularité assez digne d’attention, et qui seule peut-être m’a engagé à en rendre compte.

³⁰[...] peu d’hommes l’eussent aussi bien faite. [...] ce naturel dans le tour et les expressions qui donnent à un ouvrage traduit la physionomie d’un ouvrage original. [...] et non qu’elle ait assujetti son langage à rendre des idées exprimées par un autre dans une langue morte.

³¹Toutes les fois que j’ai comparé cette traduction avec le texte, je l’ai trouvé à la fois fidèle et élégante; toutes les fois que je l’ai comparée avec une ancienne traduction estimée et la plus répandue dans les écoles; j’ai trouvé qu’elle lui était supérieure. C’est principalement dans les endroits les plus difficiles à rendre que j’ai fait ces comparaisons.

Ao mostrar-se sempre “fiel e elegante”, a tradução trouxe qualidades opostas às que incomodavam o crítico em outras traduções que apresentavam mudanças frente aos originais. Em diversos momentos da resenha desta tradução, Féletz reforça o quanto apreciou essas qualidades. Em um momento lemos que “sua tradução é ao mesmo tempo exata, fiel e elegante”, em outro que “há nesta tradução, ao mesmo tempo, mais vivacidade e entusiasmo, mais precisão e fidelidade”, mais adiante que “o novo tradutor fala com muito mais elegância e fidelidade”. O crítico se rende a quem ele chama de “uma mulher de inteligência e bom gosto”³² (FÉLETZ, 1822, p. 3-4).

Em 1825, Féletz resenha mais uma tradução de Madame de M....n (que agora se revela Madame de Maussion). Ao analisar a obra *Lettres sur l'Amitié entre les femmes, précédée de la traduction du traité de l'Amitié, de Cicéron*, o crítico volta a escrever sobre o fato de que o “fenômeno de uma boa tradução de uma obra latina por uma mulher havia despertado a curiosidade”. A tradutora que já teria vencido “a repugnância de seu sexo” pela velhice, agora buscava tratar de um tema que de certa forma se construía como uma resposta a filósofos e moralistas da Antiguidade e da Modernidade que afirmavam “que as mulheres não conhecem a verdadeira amizade, sentimento cheio de força, de firmeza e de constância, do qual elas são completamente incapazes”³³ (FÉLETZ, 1825, p. 3).

Referindo-se ao título da obra, que trazia as *Lettres* escritas por Maussion antes da obra de Cícero, o crítico estranha que a “obra principal [...], a tradução importante” é apresentada depois. Essa aparente desordem teria uma razão de ser, pois “sabe-se que as mulheres organizam seus pensamentos de acordo com seus desígnios” (FÉLETZ, 1825, p. 3). Féletz acredita ter desvendado o mistério de Madame de Maussion. Teria sido a modéstia, virtude tão apreciada por ele, o móvel de sua ação:

temendo a princípio se apresentar como uma sábia tradutora de uma obra célebre de um dos maiores escritores da Antiguidade, ela desejou mostrar ao leitor apenas a tímida autora de uma simples carta sobre um tema familiar que interessava particularmente a seu sexo e ocultar, por assim dizer, em seguida, por meio de um anúncio tão modesto, o

³²[...] sa traduction est tout à la fois exacte, fidèle et élégante. [...] il y a, dans cette traduction, à la fois plus de verve et entraînement, plus d'exactitude et de fidélité. [...] le nouveau traducteur dit bien plus élégamment et plus fidèlement. [...] une femme d'esprit et de goût.

³³[...] phénomène d'une bonne traduction d'un ouvrage latin par une femme avoit excité la curiosité. [...] la répugnance de son sexe [...] que les femmes ne connoissent point la véritable amitié, sentiment plein de force, de fermeté et de constance, dont elles sont tout à fait incapables.

anúncio mais fastuoso, mais inusitado, sobretudo para uma mulher, da tradução de um Tratado de Cícero³⁴ (1825, p. 3).

Não teria ocorrido ao resenhista que a tradução da obra de Cícero poderia estar servindo à melhor compreensão das *Lettres*? Na medida em que esta defendia ser possível existir amizade entre as mulheres, e a ideia contrária (a de que não existia amizade entre as mulheres) vir de uma leitura equivocada da obra de Cícero, a chance da obra antiga ser acessória ao texto de Maussion é muito grande.

A nova tradução de Maussion, no ponto de vista de Féletz, “não tem menos mérito do que a primeira” e se distingue “pelas mesmas qualidades” tendo uma “execução fácil, elegante, natural”. Ela teria vencido as dificuldades referentes à “extrema diferença dos idiomas e das sintaxes, associada à prodigiosa diversidade das épocas e das mentes”, que comumente davam às traduções “uma aparência afetada, forçada, e formas estranhas e inusitadas”, e, mais uma vez, oferecido ao público uma tradução com a “facilidade e a naturalidade de uma obra original”³⁵ (FÉLETZ, 1825, p. 4).

Todavia, dessa vez o resenhista muda um pouco sua perspectiva: “Na verdade, ela traduz um pouco livremente o pensamento do autor, sem se preocupar [...] em traduzir todas suas expressões”³⁶ (FÉLETZ, 1825, p. 4). Mais uma vez a liberdade na tradução incomoda o abade.

O crítico justifica sua análise menos favorável apresentando argumento semelhante (mas levemente flexibilizado) ao que iniciou a querela com Gacon-Dufour, em 1807: Quando Maussion “apareceu pela primeira vez, timidamente”, como tradutora, “ela deveria ter todos os privilégios de uma mulher que o crítico menos educado não poderia ignorar”, todavia, suas boas traduções teriam feito ela “perder esses direitos”. Em um trecho, Féletz afirma que a tradução de Maussion é “menos viva”, em outro que era “desprovida de nobreza e harmonia” ou que se mostrava “muito pouco inteligível”. O

³⁴[...] effrayée de se présenter d’abord au lecteur comme un savant traducteur d’un célèbre ouvrage d’un des plus grands écrivains de l’antiquité, elle n’avait voulu d’abord montrer que le timide auteur d’une simple lettre sur un sujet familier, qui intéressait particulièrement son sexe; et glisser, dérober, pour ainsi dire, à la suite et à la faveur d’une aussi modeste annonce, l’annonce plus fastueuse, plus inusitée, surtout pour une femme, de la traduction d’un traité de Cicéron.

³⁵[...] n’a pas moins de mérite que la première [...] par les mêmes qualités [...] exécution facile, élégante, naturelle. [...] L’extrême différence des idiomes et des syntaxes jointe à la prodigieuse diversité des temps et des esprits. [...] un air apprêté, forcé, et des formes estranges et inusitées. [...] facilité et le naturel d’un ouvrage original.

³⁶[...] À la vérité, elle rend un peu librement la pensée de son auteur, sans s’attacher à [...] en traduire toutes les expressions.

crítico destaca que não encontrava mais a “facilidade elegante”³⁷ do estilo de Maussion (FÉLETZ, 1825, p. 4).

Essa mudança de perspectiva de Féletz talvez tenha sido também um efeito da sua apreciação sobre as cartas que autoria de Maussion que acompanhavam a tradução. Seu teor era provar que as mulheres poderiam nutrir o sentimento de amizade. Para o crítico, mesmo que este diga não crer nos argumentos que negam essa possibilidade, “é difícil dar-lhes prova demonstrativa em contrário”. Segundo ele, as obras sacras têm exemplos de mulheres que nutriam “devotamentos para um marido, para um irmão, para uma mãe, devotamentos domésticos”. Féletz entendia que mesmo “as mais vivas afeições familiares”³⁸ são diferentes do sentimento de amizade (1825, p. 4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero do tradutor afetava a crítica da tradução. Apesar de não ter sido assumida dessa forma por Féletz (este que foi o único crítico que analisou obras de tradutoras durante os trinta primeiros anos do século XIX nas páginas do *Débats*), essa condição é relevante na construção da sua apreciação do texto. Percebemos que Féletz cobrava que as traduções feitas por mulheres apresentassem determinados valores esperados de uma mulher na sociedade. As traduções não poderiam expressar rebeldia, liberdade, a partir de mudanças em relação ao original, ou através do uso de palavras “impróprias” que feriam o “bom gosto”. A modéstia era a principal virtude da tradutora. A tradução precisava ser fiel e elegante. Por outro lado, além de “despertar a curiosidade”, a tradução bem realizada por uma mulher, de uma obra relevante, causava sempre uma certa surpresa no crítico. A “singularidade” de uma mulher traduzindo um clássico era digna de atenção.

Dessa forma, podemos entender que além do texto, da tradução em si, o fato de uma mulher tê-la produzido leva o ato da crítica a referências, critério, pressupostos extratextuais. Os preconceitos que pesam sobre a mulher na sociedade são mais uma camada a interferir no juízo do crítico. A “tradução feminina”, portanto, era percebida como algo diferente da tradução como um todo. Deveria ser avaliada e entendida de maneira diferenciada, mesmo que esse conceito não fosse explicitamente teorizado.

³⁷[...] parut, pour la première fois, timidement [...] elle devait avoir tous les privilèges d’une femme que ne pouvait méconnaître le critique le moins poli [...] perdre ces droits. [...] moins vive. [...] facilité élégante [...] dépourvue de noblesse et d’harmonie [...] fort peu intelligible.

³⁸[...] il est difficile de leur donner une preuve démonstrative du contraire. [...] dévouements pour un mari, pour un frère, pour une mère, des dévouements domestiques. [...] les plus vives affections de famille.

Em nosso estudo de caso, trouxemos anotações que, de maneira inicial, delimitaram o que podemos entender como conceito de “tradução feminina” no período estudado usado como critério de avaliação tradutória. Entendemos, assim, poder contribuir, com estudos que se ocupem de um recorte temporal mais amplo visando perceber as mudanças desse conceito ao longo do tempo. Ampliar nosso recorte é um dos objetivos para o prosseguimento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BESCHERELLE, L. **Dictionnaire national ou Dictionnaire universel de la langue française**. T.2. Paris: Garnier frères, 1856.

CHARLE, C. **Le siècle de la presse, 1830-1939**. Paris : Seuil, 2004.

D’HULST, L. **Essais d’histoire de la traduction : Avatars de Janus**. Paris: Classiques Garnier, 2014.

D’HULST, L. Pour une historiographie des théories de la traduction : questions de méthode. **TTR**, v. 8, n. 1, p. 3-33, 1995.

ECKARD. Avertissement. In : DUSSAULT, J. **Annales littéraires**. T. I. Paris: Maradan, 1818.

FÉLETZ, C. Caton l’Ancien, ou Dialogue sur la Vieillesse. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris: 13 set. 1822, Variétés, p. 3-4.

FÉLETZ, C. Histoire d’Angleterre. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris: 08 set. 1819, Variétés, p. 3-4.

FÉLETZ, C. La Dame du lac. **Journal de l’Empire**. Paris: 12 mai. 1813a, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, C. La novice de Saint-Dominique. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris: 01 abr. 1817, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, C. Le Nécromancien, ou le Prince à Venise. **Journal de l’Empire**. Paris: 08 dez. 1811, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, C. Le Reclus de Norwège, par miss Anna-Maria Porter, traduit de l’anglais par Mme Elisabeth de B**. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris: 19 abr. 1816, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, C. Les Bucoliques de Virgile. **Journal d'Empire**. Paris: 25 ago. 1813b, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, C. Les nouveaux Tableaux de Famille. **Journal des débats et décrets**. Paris: 26 set. 1802, Variétés, p. 3-4.

FÉLETZ, C. Lettres sur l'Amitié entre les femmes, précédée de la traduction du traité de l'Amitié, de Cicéron. **Journal des débats politiques et littéraires**. Paris: 03 jul. 1825, Variétés, p. 3-4.

FÉLETZ, C. Mémoires, anecdotes secrètes, historiques et inédites sur les Mesd. de la Vallière, de Montespan, de Fontanges, de Maintenon, et autres illustres personnages du siècle de Louis XIV. **Journal de l'Empire**. Paris: 31 jan. 1807a, Variétés, p. 3-4.

FÉLETZ, C. Réponse à la réponse de Mme Gacon Dufour à M. A. . **Journal de l'Empire**. Paris: 13 mar. 1807b, Variétés, p. 1-4.

FÉLETZ, C. Essai sur le caractère, l'esprit et les mœurs des femmes dans les différents siècles, par Thomas. **Journal des débats et décrets**. Paris: 31 jan. 1804, Variétés, p. 2-3.

GACON-DUFOUR, M. **Réponse à M. A, l'un des rédacteurs du Journal de l'Empire**. Paris : Dabin, 1807.

HURTADO ALBIR, A. **Enseñar a traducir: metodología en la formación de traductores e intérpretes**. Madrid: Edelsa, 1994.

JURT, J. Le siècle de la presse et la littérature en France. **Romanistische Zeitschrift für Literaturgeschichte/ Cahiers d'Histoire des Littératures Romanes**, n. 37, p. 275-305, 2013.

LAROUSSE, P. **Grand dictionnaire universel du XIXe siècle**. T. VIII. Paris: Administration du grand Dictionnaire universel, 1872.

LÉPINETTE, B. (1997) **La historia de la traducción. Metodología. Apuntes bibliográficos**. In: LÓPEZ, P.; SABIO PINILLA, J. *Historiografía de la traducción en el espacio ibérico*. Cuenca: Universidad de Castilla, 2015, p. 139-152.

MUSSET, V. **1828. Nouveaux mémoires secrets, pour servir à l'histoire de notre temps**. Paris: Brissot-Thivars, 1829.

THIBAUDET, A. **Physiologie de la critique**. Paris: Nouvelle Revue Critique, 1930.

WEISS, J.J. **Le livre du centenaire du Journal des Débats : 1789-1889**. Paris : Plon et Plon, Nourrit et Cie, 1889.

WOODSWORTH, J. History of Translation. In: BAKER, M.; MALMKJÆR, K. (Org.), **Routledge Encyclopedia of Translation Studies**. Londres/Nova Iorque: Routledge, p. 100-105, 1998.

Recebido em: 18 mar. 2022.

Aceito em: 01 mai. 2022.